



VOLPI, Sandra Mara. A sexualidade e sua função integradora do self: uma visão da análise bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## **A SEXUALIDADE E SUA FUNÇÃO INTEGRADORA DO SELF: UMA VISÃO DA ANÁLISE BIOENERGÉTICA**

**Sandra Mara Volpi**

### **Resumo**

A Análise Bioenergética aponta para a expressividade como o mais importante critério de saúde no ser humano. Quando se refere a esta expressividade, considera a necessidade da percepção e do movimento de energias bloqueadas pela repressão ao longo de todo o ciclo da vida. Ao se colocar em movimento tais energias, são também acessadas diferentes emoções envolvidas em todo impulso em direção ao prazer. Este impulso, desde a infância e perpassando a adolescência, é ainda mais proibido e negado em sua expressão ao se relacionar à sexualidade. Esta tem uma função integradora do *self*, e na medida em que a afirmação por meio de uma sexualidade saudável é reprimida, as soluções encontradas pelo funcionamento caractereológico pré-genital conduzem à agressividade e à ansiedade, que passam então a demarcar o comportamento, gerando sintomas e doenças. Neste sentido, a liberdade sexual, já anteriormente defendida de maneira marcante por Reich, possibilita muito mais que a expressão de emoções na busca por prazer; promove a identidade e a integração do ser humano.

**Palavras-chaves:** Análise Bioenergética; Corpo; Identidade; Saúde; Sexualidade.

---

A Organização Mundial de Saúde (OMS) conceitua saúde como “um estado de total bem-estar físico, mental e social e não simplesmente a ausência de doença ou debilidade” (PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W., 2000, p. 371). Em setembro de 2000, 189 países endossaram, junto à OMS, a Declaração das metas de desenvolvimento para o milênio, que enumera oito objetivos a serem alcançados até o ano de 2015. Tais objetivos, amplamente divulgados, relacionam-se ao combate à miséria, à fome, à mortalidade infantil e às diversas doenças que assolam a humanidade, bem como à implementação da educação das crianças, da saúde materna, da equidade entre os gêneros e da sustentabilidade ambiental, tudo isso permeado por uma crescente parceria global. Estamos a meio caminho do período em que tais objetivos deveriam se concretizar e por isso cabe perguntar: será possível alcançá-los? Em que medida o conceito de saúde que a própria OMS propõe está de acordo com a realidade dos mais diversos países e dos múltiplos cenários de cada país? Temos evoluído em nossa possibilidade de



VOLPI, Sandra Mara. A sexualidade e sua função integradora do self: uma visão da análise bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

garantir saúde, para nós mesmos e para aqueles que estão sob nossos cuidados, seja em nossa vida profissional ou pessoal?

Wilhelm Reich (1897-1957), médico austríaco que se engendrou pelos caminhos da Psicanálise até desenvolver, com base nos conceitos dessa teoria, seus próprios pensamentos a respeito do funcionamento humano, assim como uma prática condizente com suas idéias, deixou-nos como legado uma peculiar maneira de encarar o tema saúde.

Reich foi um dos muitos representantes de um momento histórico em que os caminhos tomados pela ciência e pela tecnologia eram fortemente questionados, reflexos de uma sociedade crescentemente consumista que, em nome do desenvolvimento, passou a destruir a natureza (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA, 2008).

Foi com base na busca do reencontro do ser humano com a natureza que o conceito reichiano de saúde se construiu.

Precisamente por não encontrar na Psicanálise qualquer semelhança à sua concepção de saúde foi que Reich afastou-se dela:

[...] os psicanalistas têm falhado em distinguir os impulsos naturais primários dos impulsos secundários, estes últimos cruéis e perversos, e continuamente matam a natureza do recém-nascido [...]. Eles são perfeitamente ignorantes do fato de que é exatamente esse assassinato do princípio natural que produz a natureza secundária [...] e de que essas criações artificiais, por seu lado, tornam necessário o moralismo compulsivo e as leis brutais (REICH, 2008, p. 18).

Reich (2008, p. 20) relacionou saúde ao vigor biológico natural do ser humano:

[...] o recém-nascido traz consigo toda uma riqueza da plasticidade e do desenvolvimento natural. [...] Ele traz consigo um sistema energético enormemente produtivo e adaptável que, por seus próprios recursos, fará contato com seu meio ambiente e começará a dar forma a ele de acordo com suas necessidades.

Na visão reichiana de saúde, não há uma sobreposição do ambiente às necessidades do ser humano, assim como não há uma imposição destas últimas sobre o meio. Há uma inter-relação entre ambas as forças – natureza humana e ambiente – de forma que as soluções mais saudáveis possam constituir-se. Se assim o for, nem mesmo fará sentido demarcar uma separação entre natureza humana e ambiente, pois comporão



VOLPI, Sandra Mara. A sexualidade e sua função integradora do self: uma visão da análise bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

uma mesma organização, auto-regulada. A auto-regulação, na proposta reichiana, pode ser conceituada como uma forma inata de conhecimento ou força do organismo para satisfazer suas necessidades, transformando o meio ao seu redor e se transformando ao mesmo tempo.

Saúde, assim, mais do que bem-estar em todas as instâncias e muito mais do que ausência de doença, é a possibilidade de se manter o vigor biológico do organismo, superando toda e qualquer impossibilidade de que se expresse.

A visão de que a saúde é algo totalmente “perfeito”, que a criança “saudável” não deve ter “isso ou aquilo” não tem nada a ver com a realidade nem com a razão. [...] A diferença entre crianças saudáveis e doentes não está no fato de que as primeiras não apresentam distúrbios emocionais e as doentes sim; esta diferença é determinada pela capacidade da criança de sair da situação biopática aguda e de não ficar enganchada nela por toda a vida, como se sucede com crianças neuróticas típicas. (REICH, 2008, p. 31)

Em nossa sociedade, a repressão que se erige contra a saúde e a auto-regulação transforma-se em bloqueio, tanto do ponto de vista emocional quanto do ponto de vista físico. Ao primeiro tipo de bloqueio, Reich deu o nome de caráter neurótico; já o segundo tipo, chamou de couraça muscular do caráter. (REICH, 1995)

São as couraças, representantes físicas do caráter neurótico, que geram doenças (biopatias):

Está firmemente comprovado que os organismos que funcionam de acordo com a lei da natureza não apresentam biopatias. [...] As crianças, como outros animais, nascem sem encouraçamento. Isso constitui a base mais fundamental da higiene mental, mais abrangente do que quaisquer tentativas futuras de desencourçar o animal humano ou prevenir o encouraçamento. (REICH, 2008, p. 17-18)

Assim, a saúde somente pode ser mantida ou recuperada com base no funcionamento natural. A couraça e o caráter são a paralisação desse funcionamento. Correlacionando-as a uma paralisação, saúde é vista como o oposto, ou seja, como movimento, uma das características fundamentais de tudo o que é vivo.

Se pensarmos, por exemplo, no principal órgão que mantém a vida – o coração – imediatamente lembrar-nos-emos de seu movimento pulsante, que é responsável por fazer fluir o sangue em nosso corpo. Circulando com o sangue, estão o oxigênio e outros



VOLPI, Sandra Mara. A sexualidade e sua função integradora do self: uma visão da análise bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

elementos, os quais vitalizam cada célula do corpo e provêm ao organismo a energia necessária à ação. Somos movimento dentro e fora, todo o tempo.

Nossas emoções também são movimento. Lowen (2002, p. 1) lembra que “A palavra e-emoção descreve um movimento ‘para fora, fora de ou proveniente de’ [...]”. Nesse sentido, a emoção pressupõe expressão, e por isso Lowen (2005, p. 123) também afirma: “Uma emoção é a percepção de um movimento no interior do corpo. Se nada se move dentro do corpo, não há emoção”. A essa idéia se pode complementar seguramente que sem emoção, não há vida. A auto-expressão é, para a Bioenergética, uma das chaves para a regulação da saúde (LOWEN, 1982).

Segundo Lowen (2005, p. 121), “A auto-expressão denota a atividade do *self* e é, como a auto-preservação, uma qualidade inerente a todos os organismos vivos. Estar vivo é ser expressivo na forma, no movimento, na cor, na voz, etc.”. Movimento, voz e olhar são canais de comunicação por excelência e atuam simultaneamente em termos de expressão.

Nossa expressão se dá em dois níveis: consciente e inconsciente (LOWEN, 2005). Isso equivale a dizer que tanto quanto nossa verbalização expressa quem somos e o que sentimos nosso corpo também o faz. A expressão espontânea, seja consciente ou inconsciente, traz à tona as emoções, na medida em que é a manifestação de impulsos de um organismo livre, o que para o autor citado anteriormente, na Análise Bioenergética, corresponde ao *self*.

Sabe-se que, ao longo do desenvolvimento emocional, o prazer é uma força essencial. Reich (s/d) via o prazer não como a força propulsora para um ato, mas como potencial resultado da própria experiência; prazer compõe um processo energético autônomo. O prazer se encontra, a priori, no contato com um útero cálido e acolhedor. Mais tarde, será vivido no contato de pele – experiência absolutamente necessária ao desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social –, contato este que é possível, entre outros momentos, na amamentação. Seguindo a maturação, o prazer será encontrado na posse sobre o próprio corpo e as emoções, que possibilita o exercício da autonomia. Esta será complementada pela identidade que, baseada no corpo, traz a consciência para a sexualidade a nível genital.

Lábios, mamilos e órgãos genitais, pela qualidade de sua vascularização, permitem uma grande aproximação entre o sangue e a pele, o que não ocorre em nenhuma outra

VOLPI, Sandra Mara. A sexualidade e sua função integradora do self: uma visão da análise bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

parte do corpo. Por esse motivo, Reich (s/d; 1975; 2008) apontava para alguns fatos fundamentais em relação a estas zonas erógenas:

- ✍ A amamentação e a relação sexual equivalem-se em sua possibilidade de promover um profundo contato entre dois organismos, contato este que denominou superposição, “[...] função básica que precede e induz a descarga orgástica”. (REICH, s/d, p. 14)
- ✍ A amamentação na infância é a única etapa – em detrimento das demais – absolutamente natural no que tange à regulação da energia. As etapas que se alternam à amamentação são fortemente influenciadas pela cultura.
- ✍ A mesma regulação de energia possível por meio da amamentação na infância é cumprida pela relação sexual a partir da adolescência, período em que o organismo alcança maturidade para este tipo de contato.
- ✍ Os órgãos genitais são especializados na máxima descarga energética do organismo.

Essa idéia é corroborada por Lowen (1990, p. 22) ao dizer:

Quando as zonas erógenas entram em contato, como acontece durante o sexo, a excitação pode chegar ao seu pico máximo. [...] Uma proximidade de contato do mesmo nível ocorre no ato da amamentação, quando a boca do bebê e o seio da mãe formam uma união quase perfeita.

Nesse sentido, é propriamente a sexualidade genital que compõe a fronteira entre a infância e a maturidade. “[...] é a expressão de um modo de vida, a resposta sexual de uma personalidade madura.” (LOWEN, 2005, p. 173)

A identidade sexual inicia-se na infância, na medida em que a criança, em contato com seu corpo e observando o corpo de outras pessoas descobre a diferença sexual anatômica. Essa diferença, a princípio, estabelece suas bases na noção de presença ou ausência do órgão genital masculino. Tanto meninos quanto meninas dão-se conta da diferença sexual anatômica reconhecendo que têm ou não têm pênis. O menino tem seu órgão genital carregado energeticamente nesse momento, enquanto a menina concentra a energia em seu clitóris. Mais tarde, a vagina também será carregada energeticamente, promovendo a consciência da sexualidade feminina.



VOLPI, Sandra Mara. A sexualidade e sua função integradora do self: uma visão da análise bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Pela consciência dessa identidade, baseada na diferença, se dá o desenvolvimento de um senso de individualidade, de ser e estar definitivamente separado dos demais seres. Ao mesmo tempo, a sexualidade, tanto na infância quanto na idade adulta, compele para a proximidade e para a união. No desenrolar natural desses dois fatos – conquista da individualidade, da identidade, por um lado, e sexualidade, por outro – não há discrepância entre diferenciar-se em termos de personalidade e se aproximar em direção ao contato com o outro; no entanto, a sociedade, em sua educação repressora, pode gerar uma enorme confusão, desintegrando identidade e sexualidade.

Na medida em que, na criança ou no adulto, a sexualidade não cumpre a sua função de intimidade, a pessoa sentir-se-á mais e mais isolada, e isso gera ansiedade e angústia, sintomas notoriamente comuns em nosso tempo.

“Dado que a sexualidade proporciona ao indivíduo uma das principais fontes de prazer e alegria na vida, qualquer limitação ou inibição dos sentimentos sexuais deprimirá os processos vitais, energéticos do corpo e afetará negativamente a personalidade.” (LOWEN, 2005, p. 188)

Ver a si mesmo como um ser sexual é a primeira etapa no desenvolvimento da sexualidade. É seguida pelo reconhecimento da orientação sexual, pela adaptação à excitação sexual e culmina na formação de vínculos baseados na possibilidade do exercício da sexualidade (PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W., FELDMAN, R. D., 2006).

A sexualidade, em todo o ciclo da vida, está vinculada ao amor, ainda que não sejam sinônimos. “Amor é considerado um sentimento, sexo é uma ação.” (LOWEN, 2005, p. 175). Sexo é expressão de amor. Compreendendo que o amor é a consciência do desejo de proximidade e intimidade, pode-se dizer que, do bebê que busca o corpo da mãe para se aquecer e ser alimentado à relação entre uma mulher e um homem, o contato amoroso é igualmente sexual, da mesma forma que o contato sexual é amoroso. A ação comporta a qualidade emocional e a emoção gera a ação.

A sexualidade, para a criança, é uma função que envolve todo o corpo e engloba o sentimento que lhe corresponde, a saber, o amor. Ama o que lhe dá prazer e tem prazer junto daquilo que ama. A expressão da sexualidade está inteiramente conectada ao amor, e é para as figuras que lhe despertam tal sentimento que a criança volta, a priori, a sua sexualidade. Essas figuras são as que cumprem, naquele momento, as funções materna e paterna. O que a criança busca é a fusão energética no contato corporal e o



VOLPI, Sandra Mara. A sexualidade e sua função integradora do self: uma visão da análise bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

conseqüente prazer, incluindo dessa vez também as sensações relacionadas aos genitais.

Para a criança, amor e sexualidade compõem um único e suave movimento energético. Pelo menos assim o é num primeiro momento, na infância, e assim deveria permanecer por toda a vida. O amor presente na amamentação, por exemplo, nasce da necessidade e se traduz numa situação infantil de dependência; já o amor presente na idade adulta, incluindo-se a união sexual, tem base (ou deveria ter) na completude. Ambos as motivações para o amor são genuínas a seu tempo e geram um impulso em direção à proximidade com relação ao objeto de amor (LOWEN, 1990).

Para examinar as conexões entre amor e sexualidade, tratados aqui como aspectos complementares de uma mesma vivência que se inicia no corpo, por meio da consciência e da experimentação da sexualidade, podemos recorrer aos três componentes do amor, descritos por Stenberg (*apud* PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W., FELDMAN, R. D., 2006): intimidade, paixão e compromisso. Essa idéia, conhecida como “teoria triangular do amor”, postula que a intimidade promove a afetuosidade, a confiança e o vínculo entre pessoas que se amam; a paixão, mobilizada pelo desejo sexual, é o elemento motivacional do amor; o compromisso, que depende da cognição, traduz-se na decisão de permanecer ou não próximo a quem se ama. Os relacionamentos baseiam-se na combinação de todos os três elementos ou na presença de apenas dois, um ou mesmo nenhum.

Se o adulto pudesse estar numa condição de equilíbrio quanto à sua própria sexualidade e tê-la conectada ao sentimento de amor, certamente não precisaria rejeitar o movimento da criança, pois a manifestação desta não traria à tona suas próprias frustrações e repressões em termos sexuais, nem ameaçaria sua capacidade de amar a criança. Para não entrar em contato com a excitação da própria sexualidade, reprimida e frustrada, o adulto – pai, mãe, cuidador – rejeita a fonte da excitação, ou seja, a sexualidade da criança. Para esta, que ainda não vê a sexualidade em separado de outras funções que buscam expressão, a rejeição soa como uma recusa integral. A criança sente raiva por isso. No entanto, como também ama e um sentimento se opõe ao outro, resta a paralisia da função sexual, dada a ansiedade que duas emoções contrárias coexistentes provocam.



VOLPI, Sandra Mara. A sexualidade e sua função integradora do self: uma visão da análise bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Assim, sexualidade e amor comumente cindem-se em nosso desenvolvimento, justamente pela rejeição da sexualidade da criança pelos adultos que dela “cuidam”. Exatamente por haver essa ruptura entre ambos no desenvolvimento emocional é que várias dificuldades com relação à sexualidade têm lugar.

Se a criança é rejeitada em sua sexualidade, ela própria rejeitará seu corpo, em especial seus genitais, de forma a reprimir a sexualidade não aceita. Assim se parte o corpo, na busca de separar os sentimentos do coração das sensações relacionadas à sexualidade. Não é possível impedir que a excitação sexual aconteça, mas a entrega à mesma é bloqueada por medo, culpa e vergonha. Isso se dá com o retesamento da região lombar e da pelve, que alcança igualmente as pernas e compromete o *grounding* (na Bioenergética, conceituado como “[...] o contato de um indivíduo com as realidades básicas de sua existência.” LOWEN, 1985, p. 23).

Se, além disso, o sentimento de amor não encontra caminhos para se expressar, ombros, braços, alto das costas e tórax também se tornam tensos. O resultado é um coração pesaroso e partido. “Quando o amor irrestrito de um filho por seus pais se depara com rejeição, a dor subsequente só pode ser descrita com o termo coração partido.” (LOWEN, 1990, p. 21)

A sensação de rejeição à sexualidade, vivida na infância, acarreta em um rebaixamento da auto-estima. Na vida adulta, será compensada pela tendência ao desempenho. Da mesma maneira, uma vez que a auto-afirmação da criança através de sua sexualidade é proibida, a identidade busca caminhos alternativos, sendo uma delas a agressividade, a competitividade. A carga energética impedida de ser descarregada pela sexualidade manifesta-se no pensamento – obsessividade – e/ou na ação – compulsividade.

Todos esses são sinais, no adulto, do medo de amar e do medo da sexualidade. O medo de amar, fruto da primeira rejeição e, às vezes, de outras inúmeras decepções, congela a amorosidade a tal ponto que o sentimento genuíno é substituído pelo ódio (LOWEN, 1990). O medo da sexualidade é representado pelo medo da entrega, que, em última instância, é o medo da própria vida (LOWEN, 1986).

Uma vez que ombros, braços, alto das costas e tórax expressam o amor, são também eles que expressam o ódio. Portanto, mobilizá-los significa mobilizar ambos os sentimentos. A pelve e as pernas tanto podem manifestar sensações sexuais quanto se





VOLPI, Sandra Mara. A sexualidade e sua função integradora do self: uma visão da análise bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

debaterem em sinal de protesto. “O ódio pode ser removido e o amor reativado pela mobilização da raiva aprisionada nos músculos tensos do corpo.” (LOWEN, 1990, p. 28).

Reich (1975) proporcionou um “desenho” da sexualidade e mesmo de todo e qualquer movimento da vida, ao postular a curva do orgasmo, que pressupõe tensão, carga, descarga e relaxamento. Cabe a nós nos movermos nessa curva, lembrando que tudo o que é vivo se move. Lowen (2005, p. 209-210) afirma, a respeito dessa mesma ação:

O organismo está vivo porque se movimenta e se movimenta porque está vivo. O prazer deriva desses movimentos, tanto em direção ao mundo quanto ao se afastar dele. Frustração é a incapacidade de se movimentar para fora de um estado de excitação. Depressão é a incapacidade de se mover para dentro de um estado de excitação.

A sexualidade jamais será possível, nem na infância, nem na adolescência, nem na idade adulta, sem uma identificação plena com o próprio corpo. Além disso, a confiança essencial para a intimidade que qualquer relacionamento sexual prazeroso requer está baseada em uma aquisição precoce em termos de vínculos: a segurança. Justamente é essa segurança que pode ser perdida em nossa tenra infância.

Cabe a nós também permitir que crianças e adolescentes sintam-se seguros e expressem sua sexualidade, da forma que lhes cabe e a seu tempo, sempre lembrando que saúde é, antes de mais nada, a capacidade de recuperar o equilíbrio do organismo, de aumentar e diminuir a tensão surgida no estado de excitação sexual, aproximando-se do mundo em um ato de amor.

---

## Referências

LOWEN, A. **Amor, sexo e seu coração**. São Paulo: Summus, 1990.

LOWEN, A. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.

LOWEN, A. **Medo da vida**: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo. São Paulo: Summus, 1986.

LOWEN, A; LOWEN, L. **Exercícios de Bioenergética**: o caminho para uma saúde vibrante. São Paulo: Ágora, 1985.



VOLPI, Sandra Mara. A sexualidade e sua função integradora do self: uma visão da análise bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

LOWEN, A. **O espectro das emoções**. Uma hierarquia de funções. São Paulo: IABSP, 2002.

LOWEN, A. **The voice of the body**: the role of the body in psychotherapy. Alachua: Bioenergetic Press, 2005.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA, 2008, Curitiba: UTFPR. **Anotações de aula proferida por Noela Invernizzi e Gilson Leandro Queluz**.

REICH, W. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1975.

REICH, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

REICH, W. **Crianças do Futuro**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008.

REICH, W. **Superposição cósmica**. Curitiba: Centro Reichiano, s/d.

---

**Sandra Mara Volpi/PR** – Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica, Psicopedagogia, Psicoterapia Infantil, Psicologia Corporal e Análise Bioenergética (CBT). Mestranda em Tecnologia (Universidade Tecnológica Federal do Paraná). Organizadora e Presidente dos Encontros Paranaenses, Congressos Brasileiros e Convenções Brasil/Latino-América de Psicoterapias Corporais. Diretora do Centro Reichiano.  
**E-mail:** [sandra@centroreichiano.com.br](mailto:sandra@centroreichiano.com.br)